

ARTIGO

**NARRATIVIZAÇÃO DO SOFRIMENTO DO OUTRO NA CONVERSA
COTIDIANA ENTRE ADVOGADOS**

(Narrativizing the suffering of others in ordinary conversation between lawyers)

Mayara de Oliveira Nogueira ¹
(Ufes/Capes/Fapes)

Roberto Perobelli de Oliveira ²
(Ufes)

Recebido em: julho de 2019

Aceito em: junho de 2020

DOI: 10.26512/les.v21i2.26405

¹ Pós-doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/CAPES/FAPES). Doutora em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio/CNPq). Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/FAPES). Licenciada Plena em Letras Português pela UFES. Advogada com bacharelado pela Universidade Vila Velha (UVV). Conselheira Estadual da OAB/ES e Presidente da Comissão de Direitos Sociais da OAB/ES. Vitória/ES. E-mail: nogueiradv@hotmail.com.

² Pós-doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). Doutorado e Mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Tem experiência de pesquisa na área de Linguística Aplicada, com ênfase em Análise da Conversa Etnometodológica e em Gestão Pedagógica para o Letramento. Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória/ES. E-mail: robertoperobelli@gmail.com.

RESUMO

Dentre as práticas cotidianas desempenhadas pelos sujeitos nas mais variadas culturas, certamente o ato de narrar ocupa papel central, cujo lugar de destaque tem sido abraçado por diversos campos do saber para além dos estudos da linguagem. Seja para recapitular uma experiência passada, organizar a experiência ou quaisquer de suas funções, a narrativa representa um importante objeto que possibilita o investigador compreender a ordem social. A partir destas premissas, neste trabalho apresento algumas concepções em análise sociolinguística da narrativa, observando como narrativa e interação são engendradas em um almoço entre advogados que trabalham juntos em uma zona de conflito urbano.

Palavras-chave: *Análise da Narrativa. Fala-em-interação. Identidade de grupo. Co-narrativa.*

ABSTRACT

Among the daily practices performed by the subjects in the most varied cultures, the act of narrating plays a central role, whose prominent place has been embraced by several fields of knowledge in addition to the studies of language. Whether to recapitulate a past experience, organize the experience or any of its functions, the narrative represents an important object that enables the investigator to understand the social order. From these premises, in this paper I present some conceptions in the sociolinguistic analysis of the narrative, observing how narrative and interaction are engendered in a lunch between lawyers who work together in an area of urban conflict.

Keywords: *Narrative analysis. Speech-in-interaction. Group identity. Co-narrative.*

RESUMEN

Entre las prácticas diarias realizadas por los sujetos en las más variadas culturas, el acto de narrar ciertamente juega un papel central, cuyo lugar destacado ha sido adoptado por varios campos de conocimiento además de los estudios de idiomas. Ya sea para recuperar una experiencia pasada, organizar la experiencia o cualquiera de sus funciones, la narración representa un objeto importante que permite al investigador comprender el orden social. Basado en estas premisas, en este artículo presento algunas concepciones en el análisis sociolingüístico de la narrativa, observando cómo se genera la narrativa y la interacción en un almuerzo entre abogados que trabajan juntos en una zona de conflicto urbano.

Palabras clave: *Análisis narrativo. Charla en interacción. Identidad grupal. Co-narrativa.*

INTRODUÇÃO

“Todas as dores podem ser suportadas se você as puser numa história ou contar uma história sobre elas”.

(ARENDR, 1998, p. 95)

Somos o que fazemos e falamos, bem como o que recordamos para contar. Ao falar, fazemos; ao fazer, falamos. O ato de contar histórias está intrincado em nosso cotidiano de diferentes maneiras e em várias dimensões: desde a projeção de um episódio retrospectivo de nossa vida em formato narrativo à construção de nossas memórias em configurações narrativas (BAMBERG, 2002).

Considerando a centralidade da narrativa na vida social como forma de organização básica das experiências humanas, bem como sua função no modo como os atores sociais coconstroem sentidos sobre si e o mundo, pretendemos investigar no presente estudo como se dá o trabalho

narrativo em uma conversa espontânea durante um almoço entre advogados de um mesmo escritório de advocacia especializado nas matérias previdenciária e trabalhista.

Eventos narrativos que surgem em conversas no contexto “mesa de x” (“x” sendo café, almoço, jantar, etc.) têm sido analisados por autores como Tannen (1984), em sua observação sobre o estilo de contar histórias de californianos e nova-iorquinos em uma conversa de jantar; Ochs, Smith e Taylor (1988), privilegiando uma abordagem interacional do modo como as narrativas são produzidas e formatadas à mesa de jantar em conversas de família; Blum-Kulka (1993), para quem tal encontro social é crítico para a escolha de tópicos e maneira de narrar; dentre outros. Desse modo, tal contexto de investigação parece-nos sobremodo fértil para observar a *fala narrativa* (BAMBERG, 2002) neste cenário interacional específico.

Inseridos na perspectiva da Análise da Narrativa – intercambiando os estudos canônicos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972) aos estudos da narrativa e interação (BASTOS, 2005; DE FINA, 2008; GARCEZ, 2001; DE FINA, GEORGAKOPOULOU, 2008; GOODWIN, 1984; JEFFERSON, 1978), investigaremos (i) a construção cooperativa da narrativa pelos participantes da conversa e (ii) as construções discursivas de uma pessoa idosa em situação de vulnerabilidade socioeconômica a partir da perspectiva dos advogados. Para tanto, observaremos como, a partir de uma primeira história, segundas histórias (GARCEZ, 2001; TANNEN, 1984) são coconstruídas e concatenadas a um tópico central, possibilitando o estabelecimento da intersubjetividade.

Organiza-se o trabalho do seguinte modo: inicialmente lançamos mão do referencial teórico a que nos filiamos, notadamente trazendo um panorama dos estudos canônicos labovianos até os estudos mais recentes de narrativa, ligados a uma perspectiva socioconstrucionista e interacional. Em seguida é abordada a metodologia em que este estudo se pauta, isto é, discorremos sobre sua natureza qualitativa e necessariamente interpretativa, além do cunho autoetnográfico (CHANG, 2008; ELLIS; BOCHNER, 2000; REED-DANAHAY, 1997; VERSIANI, 2005) da pesquisa. Posteriormente é tecida uma análise dos dados que compõem o *corpus* do estudo, privilegiando o trabalho interacional dos pares na conarrativa em conversa cotidiana. Por fim, são feitas breves considerações a propósito do trabalho em tela.

1. ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

1.1 Da concepção canônica à perspectiva interacional dos estudos de narrativa

O crescente interesse pelo estudo da narrativa em pesquisas de distintas tradições e o largo espectro de investigações apontam não apenas para a existência de um novo objeto de análise, mas, antes, refere-se a uma nova abordagem teórica, a um novo gênero de filosofia da ciência

(BROCKMEIER; HARRÉ, 2003). Trata-se, pois, da emergência de um novo paradigma e de um aprimoramento do método científico pós-positivista (MISHLER, 1986; RIESSMAN, 2008).

De acordo com Brockmeier e Harré (2003, p. 525), o que se convencionou chamar *virada narrativa* deve ser compreendido como “parte de transformações tectônicas mais amplas em nossa arquitetura cultural do conhecimento, que se seguiram à crise do conhecimento (*episteme*) moderno”. Este movimento paradigmático – o qual apresentava como objetivo inicial a utilização da narrativa como fonte de dados – iniciou-se na sociologia da Escola de Chicago, cujo interesse residia na forma como as histórias, tanto oral quanto escrita, constituem parâmetros linguístico, psicológico e cultural para a análise social e de nossas experiências (BROCKMEIER; HARRÉ, 2003; RIESSMAN, 2008).

O estudo da narrativa desenvolveu-se em diferentes linhas teóricas, incitado, sobretudo, por necessidades e circunstâncias variadas. Nesse sentido, pesquisadores de distintas tradições focalizam nas narrativas (multi)facetas que salientem dado contorno do objeto – dentre eles destacamos: Labov (1972) e Propp (1958), com enfoque na estrutura narrativa e sua natureza representacional; as abordagens pós-clássicas de Barthes e Ricoeur (1980); Bauman (1986) e sua abordagem performativa; o constructo de narrativa e posicionamentos de Bamberg (2002), Harré e Brockmeier; os trabalhos de psicólogos como Bruner (1990) e Mishler (1986); de linguistas como De Fina (2006), Linde (1993), Goodwin (1984); etc. Dados os propósitos do presente estudo, aprofundaremos nossa discussão nas perspectivas laboviana e a abordagem interacional de estudo de narrativas.

1.1.1 Narrativa canônica laboviana

Inserido no contexto dos estudos variacionistas da década de 1960, Labov estava interessado em observar a língua em uso de maneira menos monitorada. Para tanto, em contexto de entrevista, valia-se de perguntas do tipo “você já passou por alguma situação em que sofreu perigo de vida?”, na qual a resposta obtida era a narração de algum evento extraordinário – técnica hábil para minimização do monitoramento do uso da linguagem padrão e também de avaliações. Sua observação levava em conta classificações e categorias sociais, etárias, étnicas e econômicas – daí uma das grandes críticas sofridas pelo teórico: a homogeneização e atribuição de fatos e dados analisados à determinada categoria.

Labov e Waletzky (1967) definem narrativa como uma técnica de recapitular experiências passadas e método para construir *unidades narrativas* que correspondem à sequência temporal (sucessão de orações narrativas e complicadores) da experiência. Importa frisar que Labov não estava preocupado com o nível *micro*, embora reconhecesse a influência do evento situado e da experiência e memória encarnada.

Tendo em vista o contexto no qual as narrativas labovianas emergiam, isto é, em entrevistas de pesquisa, não há em Labov um tratamento pela luta do espaço interacional, vez que não havia negociação de turnos para que uma história fosse contada. Não se tratava, pois, de uma questão para o teórico.

Noções até hoje caras aos estudos da narrativa são introduzidas por Labov e Waletzky (1967), notadamente no que tange a ideia de *narrativa mínima* (sequências de pelo menos duas orações em sequência temporal) e dos elementos da estrutura narrativa. Tais elementos dizem respeito mais a um *sense* de estrutura do que de uma estrutura rígida, fechada e engessada, principalmente em virtude da avaliação. Não são, ainda, elementos estanques que tenham que ocorrer em uma ordem pré-determinada. Tais elementos estruturais são: *abstract* ou resumo; orientação, ação complicadora, resolução, coda e avaliação (dos tipos externa; encaixada; ação avaliativa; e por suspensão da ação).

No quadro abaixo tais categorias encontram-se sistematizadas.

Quadro 1 - Elementos da estrutura narrativa de acordo com Labov e Waletzky (1967)

ELEMENTOS DA ESTRUTURA NARRATIVA (Labov e Waletzky, 1967; Labov, 1972; Labov, 1997)		
ELEMENTO ESTRUTURAL	CONCEITO	QUESTÕES ATINENTES
Abstract	<i>Abstract</i> ou resumo é a sentença inicial que encapsula ou sumariza o ponto da história enfatizando a reportabilidade da narrativa e preparando a audiência para ouvir uma história.	<i>Do que se trata?</i>
Orientação	Unidade que dá informações sobre tempo, lugar, pessoas e seus comportamentos iniciais.	<i>Quem? Quando? O quê? Onde?</i>
Ação complicadora	Sentença(s) sequencial(s) que relata(m) um evento seguinte como resposta a uma questão potencial e que participa(m) de juntura(s) temporal(s). Consiste de, no mínimo, duas orações narrativas com verbos de ação no passado.	<i>E o que aconteceu?</i>
Avaliação	<p>Avaliação é o procedimento que “o narrador emprega para indicar o propósito de sua história, sua razão de ser: porque ele conta, onde quer chegar. Porque há muitos modos de contar a mesma história, e podemos fazê-lo dizer coisas muito diferentes, ou nada” (LABOV, 1978, p. 302).</p> <p style="text-align: center;">Tipos de avaliação</p> <p>→ Avaliação externa: aquela em que o narrador interrompe a narrativa e explica ao ouvinte seu ponto de vista sobre o fato narrado.</p> <p>→ Avaliação encaixada: encontra-se no próprio desenvolvimento da narrativa, prescindindo de sua continuidade dramática. Corresponde “à utilização dos discursos reportados diretos ou indiretos, marcados ou não na narrativa” (MELLO, 2003, p. 155).</p> <p>→ Ação avaliativa: nela o narrador descreve o que as personagens fizeram, ao invés de relatar o que disseram. Do mesmo modo, neste caso, o locutor é capaz de encaixar seu comentário inesperado.</p> <p>→ Avaliação por suspensão da ação: é aquela em que emoções são expressas simultaneamente à ação narrada, mas em sentenças separadas, e a ação é interrompida.</p>	<i>E daí?</i>

Resolução	Diz respeito ao que aconteceu, ao resultado da história, ao modo como foi resolvida a complicação.	<i>O que finalmente aconteceu?</i>
Coda	Retorno narrativo ao momento em que se conta a história. Por vezes corresponde à uma avaliação moral.	<i>Fechamento.</i>

Fonte: Nogueira (2018).

Dentre os elementos estruturais, para Labov e Waletzky (1967), o único componente indispensável para que um segmento seja considerado uma narrativa é a existência da ação complicadora. Assim, essa sequência de orações livres e ordenadas é que constrói o esqueleto da narrativa, a qual apresenta uma juntura temporal.

Muitas categorias foram trazidas por Labov e Waletzky (1967), bem como um vocabulário muito operacional para o estudo de narrativas. Além das categorias apresentadas, noções fundamentais como *ponto* (disjunções biográficas e motivo pelo qual uma história é contada) e *reportabilidade* (alto grau de historiabilidade) são introduzidas pelos autores.

Como salienta Bastos (2005), se, por um lado, a abordagem laboviana corresponde a um marco da pesquisa em narrativa nos estudos da linguagem, por outro lado, essa abordagem sofre críticas em virtude da tratativa da narrativa enquanto estrutura autônoma e descontextualizada, limitando sua força analítica e seu potencial como espaço privilegiado para compreensão do mundo que nos cerca.

1.1.2 Narrativa e interação

Diferentemente das narrativas produzidas em contexto de entrevista estudadas por Labov, as pesquisas em Análise da Conversa, inicialmente desenvolvidas por Sacks (2007 [1984]), interessam-se pela análise da dinâmica interacional, lidam com dados de ocorrência natural de fala-em-interação e objetivam a descrição da organização da conversa como matriz da sociabilidade humana.

Há uma arquitetura, ou seja, normas que organizam nossa conversa. Dentre estas normas tem-se que para contar uma história, por exemplo, o participante que a contará certamente necessitará de turnos de fala mais longos a fim de que a narrativa se desenrole – suspendendo, assim, o andamento regular da troca de turnos. Dito de outro modo, a sistematicidade da conversa se impõe às narrativas, o que sinaliza para o interesse do estudo da prática discursiva de contar histórias, na medida em que são sobretudo relevantes para a construção do sentido no *aqui e agora*.

De acordo com Garcez (2001), duas tarefas precisam ser executadas para que uma história seja contada: a primeira delas é enunciar a suspensão da sistemática da troca de turnos, o que se dá, via de regra, por meio de um *prefácio* através do qual o narrador sinaliza o propósito de produzir uma fala mais longa. A segunda tarefa a ser executada é assegurar a atenção dos ouvintes em um

movimento de ação conjunta, sistematicamente coordenado e coconstruído entre os participantes. Desse modo, a partir do momento em que se negocia um turno maior, cria-se uma distribuição entre direitos e deveres: (i) contar uma história e (ii) ouvir com atenção. A narrativa, portanto, é construída não só por quem a conta, mas também por quem a ouve na medida em que o recipiente não apresenta uma atitude passiva, antes acompanha o andamento da história e monitora sua aproximação ou distanciamento em relação aos eventos narrados.

Indo um pouco além, Jefferson (1978) pontua a existência dos seguintes movimentos: um primeiro turno em prefácio; o qual é seguido de um próximo turno em que o coparticipante se alinha com o narrador e desempenha o papel de ouvinte; subsequentemente observa-se a narração da história; e, por fim, um turno em que o interlocutor fala em referência à história.

Observamos nos dados que compõem o *corpus* deste estudo que a sistemática de troca de turnos na narração de histórias entre colegas de trabalho que compartilham experiências apresenta contornos específicos, apresentando um arranjo interacional no qual há vários narradores. Tendo em vista o contexto no qual a interação ocorreu, a familiaridade da história, e a negociação para uma narrativa conjunta (ou conarrativa), estamos diante do que Norrick (2007) denominou *narrativas conversacionais*, isto é, aquelas desenvolvidas por mais de um narrador. Entretanto, neste arranjo interacional, o narrador primário costuma ter a posse da palavra por um período maior que o interlocutor.

1.2 Aspectos metodológicos e contextuais da pesquisa

O referencial teórico deste artigo, como sinalizado anteriormente, intersecciona os primados da Análise da Conversa Etnometodológica e da Análise da Narrativa por acreditarmos que estas teorias possuem um amplo aparato conceitual e ferramental adequados para análise dos fenômenos narrativo e interacionais. Tais paradigmas seguem o método qualitativo e interpretativo de análise.

Por pesquisa qualitativa entendemos uma atividade situada que localiza o observador no mundo e que consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo (VELHO, 1978; WINKIN, 1998), sendo, pois, “um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 21). O modelo em questão, portanto, corresponde a uma forma de fazer análise do discurso numa perspectiva interacional, em que a fala é utilizada em um contexto social específico e a língua é concebida enquanto fenômeno social.

Seis advogados que trabalham no mesmo escritório de advocacia participaram do encontro que compõe o *corpus* deste trabalho (sendo que três dos advogados são membros da mesma família: a

autora deste trabalho, seu pai e sua irmã – Mayara, Jader e Thatiana, respectivamente). Apresento, assim, uma categorização identitária bivalente, vez que, a um só tempo, sou advogada e pesquisadora. O almoço durou cerca de uma hora e meia e se deu no intervalo do segundo dia do II Congresso de Direito Previdenciário do Espírito Santo – evento em que os advogados estavam participando e que pode ser observado a partir de algumas pistas de contextualização que surgem ao longo da interação. Tais dados foram gravados em áudio, com posterior transcrição com base nas convenções adaptadas e simplificadas da Análise da Conversa, e aqui observado apenas o intervalo de 25’19’’ a 31’33’’, ou seja, pouco mais de seis minutos.

Cumprе ressaltar o fato de a posição de observador participante poder gerar algumas dificuldades pessoais e interpessoais na interpretação dos dados, contudo tal fator “não invalida o estatuto científico do antropólogo” (WINKIN, 1998, p. 160). Ao descrever o contexto, reflito o outro, mas também me reflito. No presente trabalho, em que a pesquisadora é duplamente *insider* do contexto de pesquisa (tanto membro daquela comunidade de prática laboral, quanto membro da família de alguns dos participantes), a abordagem autoetnográfica que privilegia a relevância de concepções e subjetividades na contribuição da construção do objeto coletiva e dialogicamente arquitetado entre pesquisador e pares envolvidos nos parece melhor ajustada.

2. ANÁLISE DE DADOS

Dados os propósitos do presente trabalho, intentamos uma análise com abordagem híbrida, conjugando estudos de natureza mais estrutural de tradição laboviana a estudos interacionais de orientação sociológica, numa proposta interdisciplinar para a compreensão da arquitetura narrativa na conversa cotidiana e apreensão da construção da intersubjetividade através da narração de histórias.

2.1 “Essa história da gente ser”: o trabalho do narrar na conversa

Conforme estudos de Sacks (2007 [1984]), dentre as regras do jogo interacional e as regras de participação, para que contemos uma história temos que, em primeiro lugar, conseguir um espaço interacional com turnos mais longos no desenrolar da sequência de turnos, modificando a dinâmica de troca em virtude da necessidade de possuir um prolongamento do tempo em que se tem a palavra. Em segundo lugar, deve o narrador conseguir a atenção do ouvinte exigindo um trabalho interacional um pouco mais árduo.

EXCERTO 01: A busca pelo espaço interacional no sistema de troca de turnos para contar histórias

→	01	Jader	Essa história da [gente ser
	02	João	[isso você NÃO pode co↑me:r
	03		((dirige-se para Thatiana))
→	04	Jader	Essa história da gente ser intransi[gente em termos
→	05		de acordo
	06	João	[Você <não pode
	07		comer i::sso:>
	08		(0.6)
→	09	Jader	Esse negócio de ser intran[sigente em aco:rdo
	10	Rosângela	[É bom demais isso, né!?
	11		((aponta para o torresmo))
→	12	Jader	Isso isso isso se [pro↑paga, né!?
	13	Mayara	[Você quer torresmo? ((dirigindo-
	14		se para Luciana e servindo seu prato))
→	15	Jader	Eu tive uma audiência na na justiça federa:l (...)
→	16		de um cliente lá, não me lembro quem nem qual foi o
→	17		procurador do inss. (...) ["Tem acordo"?
	18	Mayara	[Quando tiver bom você fala]
	19		
	20	Jader	["Tem".
	21	Luciana	[Não, pode pôr batata.

O intento de que uma história seja contada se dá geralmente através da enunciação de um prefácio, como em “essa história da [gente ser” (linha 01), turno em que Jader inicia sua busca pela negociação de turnos entre seus pares e a atenção dos ouvintes.

Importa ressaltar que no contexto *mesa de almoço* a atividade central é justamente alimentar-se e, neste encontro, emergem outras ações, dentre elas a conversa e, nesta, narrativas. Através de pistas de contextualização, isto é, de “constelações de traços presentes na estrutura de superfície das mensagens” (GUMPERZ, 2002[1982], p. 152), nota-se que o primeiro plano do encontro é *almoçar*, é o que ocorre *aqui e agora*. O que se observa em: “[isso você NÃO pode co↑me:r”; “[Você <não pode comer i::sso:>”; “[É bom demais isso, né!?”; “[Você quer torresmo?; [Quando tiver bom você fala]”; “[Não, pode pôr batata” – respectivamente linhas 2; 6 e 7; 10; 13; 18 e 19; 21. De modo que o *enquadre interativo* em questão, isto é, o que as pessoas acreditam que estão fazendo e a “percepção de qual atividade está sendo encenada, de qual sentido os falantes dão ao que dizem” (TANNEN; WALLAT, 2002[1987], p. 189), corresponde a um almoço entre amigos. Através destas pistas percebemos que a atividade que está sendo executada é almoçar e é esta atividade que faz com que este encontro se dê.

Considerando o intento de se contar uma história no contexto de fala-em-interação real, Jader tem um trabalho penoso para conquistar o piso conversacional e turnos mais longos. A repetição de estruturas semelhantes por meio de relações de paralelismo e o uso reiterado de vocábulos em três turnos distintos (“Essa história da [gente ser”; “Essa história da gente ser intransi[gente em termos de acordo”; “Esse negócio de ser intran[sigente em aco:rdo”, linhas 1, 4 e 5; 9), tanto apontam para a

utilização de recursos “poéticos” e estratégias de envolvimento conversacional (BASTOS, 2005; TANNEN, 1989) quanto sinalizam para empreitada de tomada de turno e busca pela atenção dos coparticipantes da conversa.

Apenas na linha 15 Jader começa a delinear a narrativa, arquitetando sua orientação, contextualizando o evento e indicando o tempo incerto e não sabido em que ocorreu a história (“tive”), o lugar (“na na justiça federa:l”), os personagens (“um cliente lá, não me lembro quem nem qual foi o procurador do inss”) e as circunstâncias (“uma audiência”). Seguida da orientação, há a ação complicadora: “[“Tem acordo?”]” (linha 17).

Goodwin (1984) aponta para o fato de que falar, comer, gesticular são ações e movimentos sincronizados numa refeição. Ora, no jogo interacional a coordenação de várias atividades, o envolvimento entre falantes e ouvintes, e a *sincronia conversacional* (rítmica, de sequências, de alteração de turnos), indicam o (in)sucesso da cooperação e do compartilhamento sociointeracional. Nos dados em questão, embora a atividade de contar história requiera maior esforço de Jader, seu labor é bem sucedido, na medida em que assume o *footing* de narrador e seus pares se alinham como ouvintes atentos que, inclusive, trazem *segundas histórias*.

2.2 “Aquele do Adomar”: segundas histórias

Garcez (2001) traz uma importante noção a propósito das segundas histórias como possibilidade de corresponderem a um espelhamento de escuta de uma primeira história. Tal escuta atenta reflete o espaço privilegiado de estabelecimento de intersubjetividade entre os participantes de uma conversa.

Contar uma primeira ou segunda história são situações interacionais distintas, haja vista o fenômeno da sequência conversacional. Ora, diferentes estruturas de prefácios suscitarão diferentes manifestações dos ouvintes – manifestações estas que impactarão diretamente a construção narrativa. Daí o porquê das narrativas serem necessariamente coconstruídas (BASTOS, 2005). Ressalta-se que a Análise da Conversa está interessada em como as histórias se situam na sequência conversacional, bem como na observação do trabalho interacional que demanda contar e ouvir uma história.

A estrutura de segundas histórias, conforme Sacks, se dá de maneira específica na medida em que o interlocutor ratificado “procura, e conta, preferencialmente uma estória em que ele desempenha um papel equivalente ao papel desempenhado pelo primeiro contador na estória inicial” (GARCEZ, 2001, p. 201).

EXCERTO 02: Segundas histórias

→	41	Thatiana	[Aquele do
→	42		<Adoma:r> foi pedido vínculo rural, no fim no fim
→	43		era vínculo rural <urbano>.
	44	João	Uhum.
	45	Thatiana	No fim via que fazia tudo quanto é conta e el e viu
	46		que não ia dar (...) mesmo se reconhecesse. Aí
	47		doutora Mara falou "vamos propor propõe então o inss
→	48		dar loas para o cliente". Eles .h acei↑taram. Deram
→	49		[loas.
	50	Jader	[É. Aceita:ram.
	51	Thatiana	Não t↑i:nha no pedido.
	52	Jader	ACEITARAM. Isso fo você lembra dele, né, Thatá!? Isso
→	53		aí foi legal. "<Ã, depende>. O cara já já é um
	54		miserá:vel, é dever da previ[dên
	55	Thatiana	[Não. O porque a doutora
	56		Mara falou assim que "vai ficar discuti:ndo, isso
	57		vai subi:r, esse senhor já tá com <u>setenta</u> e tantos
	58		anos".
	59	Jader	É:!
	60	João	Daqui a pouco ele mo::rre:
	61	Mayara	E não recebeu (.) °nada°. (0.2) Coi↑tado.
	62		(0.8)
→	63	João	Ah! Eu não concordei com o que aquele °juiz° na hora
→	64		que ele falou que no juizado você não pode fazer <por
→	65		exemplo> algumas provas. Você po:de.
	66	Thatiana	É difícil. É mais difícil.
	67	João	É MAIS difícil, mas dá:. No loa:s o cara lá no
→	68		escritório o: o: o: oficial de justiça foi DUAS vezes
→	69		na casa do ca:ra. ↑Fora [fora
→	70	Thatiana	[Assistente soci:al
	71	João	Assistente [social
	72	Jader	[Paulo.
	73	João	O oficial de justiça fo o oficial de justiça fez DUAS
			diligências lá pra constatar a situação.
→	74	Jader	E GANHO:U. (.) E ganhou, né!?
	75	João	Eu vim e impugnei o laudo social, né!? E a na e
	76		impu↑nei, e [fiz
	77	Thatiana	[Documento.
	78	João	[<RÉPLICA> do documento do inss
	79	Thatiana	E ele já mandou cliente pro escritó:rio!
	80	Luciana	É?
	81	Thatiana	Já mandou clie::nte. Até a ex-mulher dele ele mandou
	82		.hhhh
	83	Jader	Thatá, quer dizer que a o [serviço foi prestado
	84		corretamente

Na história contada por Jader o narrador-personagem é trazido como ser agentivo da história, uma vez que quem não aceita o acordo proposto pelo procurador do INSS em audiência é o próprio narrador. Thatiana, advogada cuja função é atendimento à clientes de matérias que versem sobre Direito Previdenciário, nas linhas 41 a 43, prefacia uma segunda história que se deu em contexto

parecido com o da história primária: na história contada por Jader o cenário é institucional (sala de audiência), já na contada por Thatiana é profissional (escritório profissional).

O tópico com o qual a narrativa de Thatiana guarda relação lógica com aquela contada por Jader se dá na justa medida em que o assunto tratado em ambas é *acordo judicial*. Na história contada por Jader o que ganha relevo é a atribuição dos advogados que trabalham neste escritório advocatício (daí o uso de “[d]a gente ser” nas linhas 01 e 04) como aqueles que *não* compõem acordo (““Aí, doutor, tá vendo. Não falei pro senhor que ele não faz acordo””, linhas 25 e 26).

O estabelecimento de relação tópica da história contada por Thatiana se dá na medida em que, embora na ação previdenciária “[D]Aquele do <Adoma:r:” (linhas 41 e 42) não haja pedido específico de LOAS (benefício assistencial), o acordo proposto é aceito pela parte contrária. Por seu turno, Jader alinha-se a Thatiana no que se refere a possíveis propostas de aceitabilidade de composição de acordo, fazendo avaliação externa em discurso reportado (“<Ã, depende>”, linha 53).

Desta segunda história uma subnarrativa é introduzida por João nas linhas 63 a 65, na qual o participante apresenta pistas de contextualização que indicam o evento no qual os advogados estavam participando (II Congresso de Direito Previdenciário do Espírito Santo). Nesta subnarrativa João afirma que não concorda com a afirmação de um dos palestrantes de que não é possível produzir provas em sede de Juizado Especial Federal – estabelecendo, aqui, vínculo com a história contada por Thatiana, uma vez que exemplifica sua discordância com a narrativa da advogada: no caso de Adomar, “o: o: o: oficial de justiça foi DUAS vezes na casa do ca:ra” (linhas 68 e 69); co-exemplificada por Thatiana: “[Assistente soci:al” (linha 70) (linhas 73 e 74); e alinhavada por Jader “E GANHO:U. (.) E ganhou, né!?” (linha 74).

O ponto da história, portanto, é facilmente identificado – ponto este que corresponde às circunstâncias ou elementos que (im)possibilitam a (não)aceitação o de uma proposta de acordo. Assim, a segunda história contada identifica e ratifica a razão de ser da primeira história: não é que os participantes não aceitem qualquer tipo de acordo, há aqueles que eles aceitam (“<Ã, depende>”, linha 53) a depender daquilo que for proposto. Esta ratificação traz a reportabilidade da segunda história como algo que merece ser contado, da forma como foi contada e, no caso, conarrado pelos participantes Thatiana, João e Jader.

O fenômeno de segundas histórias entrevê um repositório de memória pessoal dos membros desta comunidade de prática, vez que aciona, através de procedimentos socialmente organizados, interrelacional e dialógico “um percurso de expectativas compartilhadas em função do pertencimento do grupo dos indivíduos a um mesmo grupo” (GARCEZ, 2001, p. 202-203). Desse modo, tem-se que as segundas histórias tem, sobretudo, por função ilustrar, contrastar, ampliar o ponto da primeira história, reafirmando um ouvir atento.

2.3 “Ali era dignidade humana”: coconstruindo o sofrimento do Outro

Uma das categorias que se revelou de grande importância na observação no trato com os dados é a noção do *sofrimento*, tomado aqui não como algo essencializado ou universal, mas, antes, o concebemos como socialmente situado e construído, existindo, pois, diferentes modos de sofrer bem como diferentes modos de perceber o sofrimento ainda que no interior de uma mesma comunidade. Assim, o sofrimento corresponde a um fenômeno social e interacionalmente construído (BASTOS, 2008).

EXCERTO 03: Episódios de sofrimento

→	85	Thatiana	[Mas ele não tá tão
→	86		bonitinho agora?
	87	João	[é a
	88		ex-mulher. (0.4) A ex mulher dele que vem de quinze
	89		em quinze dias na casa dele, tá!?
→	90	Thatiana	Ele chega lá no escritório assim, ó ((estende os
→	91		braços e gesticula com as palmas das mãos)). Com o
→	92		dinheiro assim, [ó ((gesticula)).
	93	Mayara	[Nossa! Veio tudo e a carne não vem!
	94		
	95	Thatiana	Ele embola o dinheiro todinho no com o valor do
	96		saque. "<Douto::ra>, aqui ó ((gesticula)). A senhora
	97		tira a sua parte e o fo o <resto é meu>, né!?" . Aí é
	98		fo esse mês ele falou "ah, doutora, esse mês passado,
	99		como eu não tinha troca:do, faltou DOIS reais. A
→	100		senhora tem que tirar DOIS reais a mais esse mês".
→	101		
→	102	Mayara	.hh tadinho
→	103	Jader	Corta o coração da gente, né!? Eu falei ali pra uma
	104		<bi↑chona> ali, o Fabrici[ano, que
	105	João	[Jader, você chegou uns
	106		vinte ve (incompreensível)
	107	Jader	[Eu falei "Fabriciano, como
	108		não tira o (incompreensível) do senhor disso, né!?
	109		
→	110	Thatiana	Corta o meu coração.
	111	Jader	Não é:?
	112		(.)
→	113	Thatiana	Ele é muito bonzinho, menina!
→	114	Rosângela	É, ele é sim.
→	115	Jader	O Luiz, né, Thatá!? Todos eles são assim.
→	116		Interessante, né!? (.) E aí, Luciana!? ((sorri para
	117		ela, que retribui)) (0.7) O Luiz vai lá entregar o
	118		dinheiro ou deposita.
→	119	Thatiana	Ah, é!? (.) Tá vendo, ali era <dignida:de HUMANA>
→	120		mesmo, porque o homem mudou <até o VISUAL> dele.
	121	Jader	Mudou.
→	122	Thatiana	E é [um salariozinho mínimo.

Os episódios de sofrimento construídos na interação são estabelecidos a partir da articulação entre eventos e recursos avaliativos, como em: “como eu não tinha troca:do, faltou DOIS reais. A senhora tem que tirar DOIS reais a mais esse mês” (linhas 99 a 101) e “.hh tadinho” (linha 102).

Nas linhas 75 e 76, Thatiana torna relevante o fato de que a aparência de Adomar alterou, e essa alteração se dá após o recebimento do benefício assistencial que corresponde a “um *salariozinho* mínimo”. Ora, o uso reiterado de diminutivo e os contornos entoacionais sinalizam avaliações encaixadas por parte da narradora, a qual constrói relação de afeto pelo reconhecimento do sofrimento do Outro: pouco recurso financeiro foi capaz de deixar Adomar “tão *bonitinho* agora” (linhas 85 e 86) por se tratar de uma questão de “<dig~~n~~ida:de HUMANA> mesmo, porque o homem mudou <até o VISUAL> dele” (linhas 119-120).

Assim, a narrativa que emerge na linha 90 sobre o pagamento de honorários advocatícios e a importância dada ao valor de “DOIS” reais, alinha-se à defesa do posicionamento afetivo de Thatiana e evidencia o sofrimento de Adomar em virtude da situação socioeconômica a que está inserido. Bem assim, observa-se um fluxo em cadeia de alinhamento dos demais participantes no que tange a condição do cliente: “.hh tadinho”; “corta o coração da gente, né!?”; “corta o meu coração”; “ele é muito bonzinho, menina!”; “É, ele é sim” (linhas 102, 103, 110, 113 e 114, respectivamente).

Assim, há uma relação mútua de envolvimento dos participantes àquilo que é considerado duradouro (classe econômica) e importante para o outro – no caso, sua saúde e condição social, a partir de uma forte dramatização indiciada por sequências de ações dramáticas trazidas pela advogada em narrativa argumentativa. Ao contar a história de Adomar, Thatiana socializa a experiência individual, que é generalizada por Jader (“O Luiz, né, Thatá!? Todos eles são assim. Interessante, né!?”, linhas 115-116). O grupo, por seu turno, ao participar da narração por meio de avaliações coordenadas, estabelece similaridades nos julgamentos compartilhados, dimensionando um reconhecimento intersubjetivo.

2.4 Identidade de grupo e conarrativa

O trabalho conjunto de construção da narrativa demanda a imposição de um desenho interacional próprio imposto pela audiência, a qual poderá participar interrompendo, corrigindo, conarrando. Coates (2005, p. 90) denominou “conarrativa” o fenômeno que nada mais é que uma história contada de modo articulado; articulação esta que só é possível em virtude de os participantes se conhecerem muito bem e partilharem sobre o tema em questão, estando, pois, aptos para conarrarem uma história. As contribuições feitas neste tipo de narrativa colaborativa frequentemente são marcadas por elocuções contínuas e falas sobrepostas que se unem (COATES, 2005, p. 91).

Norrick (2007), por seu turno, entende que neste tipo de *narrativa conversacional* tão logo os interlocutores sejam ratificados como conarradores passam a ser coautores da história, auxiliando na condução da história, na estrutura e no ponto da narrativa. Além de colaborar com a construção da narrativa, os interlocutores também se envolvem em sua finalização, haja vista que as narrativas são ações cooperativas.

Parece que há um certo consenso entre os pesquisadores que lidam com narrativa enquanto forma de organização do discurso para a ação no mundo social – desempenhando neste processo construções identitárias – de que contar histórias é um meio de fazer sentido da vida (BRUNER, 1990) e meio pelo qual somos construídos no mundo social. Nesse sentido, as narrativas assumem o papel de instrumento organizador do discurso e de construção de identidades sociais. Por meio das narrativas as pessoas relatam experiências e se engajam discursivamente, construindo a si e aos outros, de onde se infere a natureza ontológica das narrativas tendo em vista que a vida social é historiada na narrativa (MOITA LOPES, 2001). Nesse mesmo sentido, contar histórias corresponde a um modo de construir realidades sociais e controlar a realidade dos interlocutores. Será a análise das práticas narrativas que possibilitará o acesso do analista à socioconstrução das identidades sociais no momento de sua realização.

EXCERTO 04: Co-narrativa

128 129	João	[Se a gente deixasse ba[ter
130	Mayara	[É?]
131 132	João	[só pelo que tava no [processo ia:
133 134	Thatiana	[Se você olhasse pelo processo você falava: esse homem não tem dire:ito.
135	João	Por lá, não.
136 137 138 139 140	Thatiana	E pra provar era difícil porque a <mulher dele>, ele tem um ↑filho que tem que trava::lha que mora em cima. A mulher dele que é ex-mulher, mas fica na casa do filho. Ele vai lá pra limpar a casa pra ele, mas vai uma vez POR MÊS.
141	Mayara	Uhum.
142 143	Thatiana	Então quem fez o administrativo falou que ele ERA casa:do.
144	Mayara	Hmmmmmm
145 146	João	O cara preencheu a na preencheu também o (.) [requerimento
147	Jader	[requerimento]
148 149 150 151	Thatiana	Aí a mulher rapaz do inss falou assim olha “não informa que o senhor tem ↑filho, porque >se o senhor informar que tem filho< não vai receber o benefício”
152	Jader	É.

153 154 155	Thatiana	Quando chegou na hora da diligência ele falou "não, eu tenho fi::lho, traba::lha". Aí ele falou "eu perdi".
156	João	Não. Pera aí. Tá desempregado
157	Thatiana	Tá desempregado!
158 159	João	Na época ele trabalhava e depois ficou desempregado.
160	Luciana	É. Tava sem carteira.
161 162	Thatiana	Aí a gente fo teve que contar toda, [mas tinha que ser a verdade.
163 164	João	[“Ele faz bico, não faz? Faz sim.”
165 167 168 169	Thatiana	Aí o juiz foi tentar entender a verdade do cara e pra entender fez várias diligências. Mandou DOIS oficial de justiça na casa dele, mandou assistente so[cia:l
170 171	Jader	[Você ((referindo-se a João)) escreveu na época eles preencheram e mandaram ele assinar
172 173	Thatiana	Mandou pesquisar no bairro quem conhecia ele, se era verdade o que o cara falou.
174 175	João	Se que eu tiver na frente daquele juiz vou falar "doutor Ter[rier"
176	Mayara	[Mas conseguiu, né!?
177 178 179 180 181 182 183 184	Thatiana	[Aí constatou que era tudo ver[dade. Que <realmente ele é assi:m, que a mulher dele vai lá de vez em quando, que ele não tem mais relação com e:la, que um filho estava desemprega:do> e que o outro mora em cima, que ajuda realmente a pagar algumas contas, mas o que sobre pra ele comprar remédio, pagar conta pra comida, que os vizinhos dão] arro:z, feijã:o
185 186 187 188	João	[pelo processo (incompreensível) fez. Fui lá olha:r que não é fácil de que não é comum a outros juizes instruir assim o processo].
189	Jader	João Paulo, e aquela também!? A Érica a Ariel?
190	Mayara	Gente!
191 192 193	Jader	Se o juiz não manda fazer aquilo, ela também não ganhava o processo, não. Lembra? E a mulher tem uma do[ença
194	Mayara	[E ele tem quantos anos?
195 196 197 198 199 200	Thatiana	E ele assim: "eu só sei trabalhar de pedre:iro. Eu vou na casa das pessoas" hhh não foi ((dirigindo-se para João, quem balança a cabeça em sinal positivo))!? "Ninguém quer dar emprego pra mim porque eu sou ve::lh↑o. quem vai me dar emprego? Ninguém quer me dar hhh emprego".
201	Mayara	Coitado.
202 203 204	Thatiana	"Eu só sei trabalhar disso. Eu era da ro::ça. Eu não apren↑di profissã:o". E ele realmente nem sabe escrever direito.
205 206 207	Jader	Aquela história do seu Zé também é bonita, né!? Não tem o Zé que tava construindo lá em cima ((dirige-se para Mayara))?

Nos dados deste trabalho tem-se uma coconstrução narrativa entre os interlocutores no qual há a todo momento a arquitetura de uma narrativa conversacional na medida em que o desenho dos

turnos é bem compactado e um participante complementa a fala do parceiro (“O cara preencheu a na preencheu o (.) [requerimento]; “[requerimento]” – linhas 145-146 e 147), ou, às vezes, conarra a história.

Uma história é conarrada quando os participantes, altamente envolvidos na atividade interacional, possuem conhecimento dos fatos ou partilham uma mesma experiência. Observa-se, por exemplo, uma convergência conversacional entre João e Thatiana em: “[Se a gente deixasse ba[ter]”, “[só pelo que tava no [processo ia:”]; “[Se você olhasse pelo processo você falava: esse homem não tem dire:ito”]; “Por lá, não” (respectivamente linhas 128-129; 131-132; 133-134; e 135); que visam envolver a ouvinte endereçada da história (Mayara) e explicar a razão de um potencial não-êxito do Autor no processo, caso se verificasse apenas as provas dos autos.

Ambos tecem colaborativamente, em sequência, quais são os elementos que, fora do processo, desencadeou a procedência da ação por meio de segundas histórias em disjunção às ações complicadoras (linhas 148-151; linhas 165-169; linhas 177-184; linhas 195-200; linhas 202-204). Tem-se, assim, uma coautoria de relatos retrospectivos num movimento que reconstrói conjuntamente uma experiência profissional vivida pelos participantes (“[Você escreveu na época”, linha 170).

A narrativa colaborativa também se dá não só pelas convergências, mas também nas correções ou reparos estabelecidos pelos participantes. Nas linhas 154-155 Thatiana afirma que Adomar diz que seu filho não trabalha. João, por sua vez, na linha 156 a repara e diz: “Não. Pera aí. Tá desempregado”, fato reafirmado pela advogada na linha 157 e corroborado por Luciana na linha 160 (“É. Tava sem carteira”). Temos, assim, uma precisão e qualificação da experiência posta em discurso pelos participantes no esforço de construção de uma veracidade narrativa e também de identificação precisa dos acontecimentos passados. Os parceiros, assim, se engajam num processo de rememoração de um passado conjuntamente trabalhado.

Além do quê há o estabelecimento de inferências entre essa experiência com outras experiências análogas: “João Paulo, e aquela também!? A Érica a Ariel?”; “Se o juiz não manda fazer aquilo, ela também não ganhava o processo, não. Lembra? E a mulher tem uma do[ença]” (linhas 189; 191-193). Tem-se uma rememoração de outros eventos experienciados pelo grupo que são utilizados nessa narrativa hipotética (“se o juiz não manda não ganhava”) em apresentação de uma identificação de solução de conflitos vividos pelo grupo. Frisa-se que *aquilo* (linha 191) equivale à produção de provas em sede de juizado especial – tópico da subnarrativa introduzida por João na linha 63.

O engajamento dos atores sociais que trabalham no mesmo escritório profissional, no processo de negociação de sentidos e de estabelecimento de um consenso de verdade, se dá a partir do exercício da rememoração da ação passada a partir de ações conjuntas desempenhadas pelos participantes, criando, assim, um sentido de coesão tanto do grupo quanto do pertencimento e partilhamento de um

repertório de histórias em comum. Nesse sentido, esse movimento de ação coletiva e laço de sociabilidade demarca uma linha divisória do grupo que constrói a imagem de um *nós* unificado (FABRÍCIO; BASTOS, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contar histórias é uma atividade central em nossas vidas, exige um trabalho extra e um engajamento interacional interpessoal. Mais do que isso, contar histórias na conversa cotidiana vem a ser a forma primordial de narrativa (GARCEZ, 2001). É através da contação de histórias que organizamos o mundo, bem como é por meio dela que também mantemos a organização social, as crenças, as estruturas de poder, e estabelecemos relações de intersubjetividade. Ora, contar uma história é construir discursivamente uma experiência; experiência esta que construímos a partir de um estoque discursivo e de uma tecnologia da conversação, a qual corresponde a todo um acervo de recursos e técnicas.

No estudo em apreço foram analisadas narrativas que emergem de uma conversa em situação de fala-em-interação em almoço entre seis advogados que trabalham no mesmo escritório sobre quais são os critérios que norteiam a consagração ou não de um acordo judicial. Para tanto, o sofrimento do Outro é trazido à tona como mote propulsor do posicionamento dos profissionais perante dada questão, numa construção de ética de grupo que tenciona a humanização das relações judicializadas.

Ao conarrarem experiências vivenciadas pelo grupo, valendo-se de elementos semânticos, sintáticos e prosódicos para envolver a ouvinte endereçada das segundas histórias, observou-se o exercício de construção de uma memória colaborativa que desvela e (re)cria a identidade do *nós*.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BAMBERG, Michael. Construindo masculinidades na adolescência: posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. *Identities multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado das letras, 2002. p. 149-185.
- BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópico*, v. 3, n. 2, maio/ago. 2005.
- BASTOS, L. C. Diante de sofrimento do outro: narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. *Calidoscópico*. v. 6, n. 2, p. 76-85, maio/ago. 2008.
- BAUMAN, R. *Story, performance and event*. Contextual studies of oral narrative. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- BLUM-KULKA, S. You gotta know how to tell a story: telling, tales and tellers in american and Israeli narrative events at dinner. *Language in society*. v. 22, p. 361-402, 1993.

- BROCKMEIER, J.; HARRÉ, R. Narrativa: Problemas e Promessas de um Paradigma Alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 16, n. 3, p. 525-535, 2003.
- BRUNER, Jerome. *Acts of meaning*. Cambridge, Harvard University Press, 1990.
- CHANG, H. *Autoethnography as Method*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008.
- COATES, Jennifer. Masculinity, collaborative narration and the heterosexual couple. In: THORNBORROW, Joanna; COATES, Jennifer. (org.). *The sociolinguistic of narrative*. Philadelphia: John Benjamin B.V., 2005. p. 89-106.
- DE FINA, Anna. Georgakopoulou, Alexandra. Introduction: Narrative analysis in the shift from texts to practices. *Text&Talk*, v. 28, n. 3, p. 275-281, 2008
- DE FINA, Anna. Who tells which story and why? Micro and macro contexts in narrative. *Text&Talk*, v. 28, n. 3, p. 421-442, 2008.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ELLIS, C., BOCHNER, A. P. Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Handbook of qualitative research*. London: Sage Publication, 2000.
- FABRÍCIO, B. F.; BASTOS, L. C. Identidade de grupo: a memória como garantia do nós face ao outro. In: PEREIRA, Maria das Graças Dias; BASTOS, Clarissa Rollin Pinheiro; PEREIRA, Tânia Conceição. (org.). *Discursos sócio-culturais em interação: interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos conceitos da escola, saúde, empresa, mídia, política, gênero e migração*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 39-66.
- GARCEZ, Pedro M. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes. (org.). *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001. pp. 189-213.
- GOODWIN, C. Notes on story structure and the organization of participation. In: ATKINSON, Max; HERITAGE, John. *Structures of social action*. Cambridge, Cambridge University Press, 1984. p. 225-246.
- GUMPERZ, John. Convenções de Contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, [1982] 2002. p. 149-182.
- JEFFERSON, Gail. Sequential aspects of story telling in conversation. In: SHCENKEIN, J. N. (ed.). *Studies in the organization of conversational interaction*, New York, Academic Press, 1978.
- LABOV, W. Some further steps in narrative analysis. *The Journal of Narrative and Life History*, v. 7, n. 1-4, 1997. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/sfs.htm>
- LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. (org.). *Language in the inner city*. Philadelphia, University of Philadelphia Press, 1972, p. 354-396.
- LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (org.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle, University of Washington Press, 1967. p. 12-44.
- LINDE, Charlotte. *Life stories*. The creation of coherence. New York, Oxford University Press, 1993.
- MISHLER, E. *Research interviewing context and narrative*. Cambridge: Harvard Univeristy Press, 1986.

MOITA LOPES, L. P. Práticas discursivas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes. (org.). *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001. p. 55-71.

NOGUEIRA, Mayara de Oliveira. *Narrativas, prática profissional e ética social: negociação e coconstrução de identidades*. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

NORRICK, N. R. Conversational storytelling. In: HERMAN, D. *The Cambridge companion to narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 127-141.

OCHS, E.; SMITH, R.; TAYLOR, C. *Detective stories at dinnertime: problem-solving through co-narration*. University of Southern California. Prepared for the American Ethnological Society Annual Meetings, Symposium on Narrative Resources for the Creation of Order and Disorder, St. Louis, Missouri, March 25, 1988. p. 01-35.

PROPP, V. *Morphology of the Folk Tale*. Bloomington, Indiana University, 1958.

REED-DANAHAY, Deborah E. *Auto/Ethnography: rewriting the self and the social*. Oxford and New York: Berg, 1997.

RICOEUR, P. Narrative time. *Critical Inquiry*. 7 (1). 1980. pp. 169-190.

RIESSMAN, C. K. *Narrative methods for the human sciences*. California: Sage Publication, 2008.

SACKS, H. Ocupando-se em ser comum. Tradução Portela, Felipe; Pellegrino, Priscilla; Gomes, Vívian. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos* (On line). Atemática 1. Juiz de Fora, 2007 [1984]. Disponível em: http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas_atematica/traducao.pdf . Acesso em: 04 jul. 2015.

TANNEN, D. *Conversational style*. Norwood, NJ; Ablex, 1984.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M (org.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, [1987] 2002. p. 183-214.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. pp. 36-46.

VERSIANI, D. B. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação*. Da teoria ao trabalho de campo. São Paulo: Papirus Editora, 1998.

ANEXOS

Convenções de Transcrição (adaptadas de estudos da Análise da Conversa [Saks, Schegloff e Jefferson, 1974], com incorporações de Loder e Jung, 2009)

Tempo	
...	Pausa não medida
(2.3)	Pausa medida
(.)	Pausa de menos de 2 décimos de segundo
Aspectos da produção da fala	
.	Entonação descendente

?	Entonação ascendente
,	Entonação intermediária, de continuidade
-	Parada súbita
Sublinhado	Ênfase em som
MAIÚSCULA	Fala em voz alta ou muita ênfase
°palavra°	Fala em voz baixa
>palavra<	Fala mais rápida
<palavra>	Fala mais lenta
: ou ::	Alongamentos
[]	Fala sobreposta
↑	Som mais agudo do que os do entorno
↓	Som mais grave do que os do entorno
Hh	Aspiração ou riso
.hh	Inspiração audível
<i>Formatação, comentários, dúvidas</i>	
=	Elocuções contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
()	Fala não compreendida
(palavra)	Fala duvidosa
(())	Comentário do analista, descrição de atividade não vocal
<i>Outros</i>	
“palavra”	Fala relatada